

CAPÍTULO 1

Era a vez da srta. Somers fazer o chá. Ela era a mais recente contratada da firma, e a mais ineficiente das datilógrafas. Não era exatamente uma jovem, e tinha uma expressão um tanto preocupada, como a de uma ovelha. A água na chaleira ainda não estava borbulhando quando a srta. Somers a despejou sobre o chá, mas a pobrezinha nunca sabia quando a água estava de fato fervendo dentro da chaleira. Era uma das muitas preocupações que a afligiam na vida.

Ela serviu o chá nas xícaras, acompanhado de alguns biscoitos doces murchos em cada pires.

A srta. Griffith, a eficiente datilógrafa chefe, uma mulher rígida e grisalha que trabalhava na firma Consolidated Investments Trust havia dezesseis anos, comentou rispidamente:

– A água não ferveu de novo, Somers!

O rosto preocupado da srta. Somers ficou vermelho, e ela respondeu:

– Ah, não, desta vez eu achava *de verdade* que já tinha fervido.

A srta. Griffith pensou consigo mesma: “Talvez ela ainda precise ficar mais um mês, porque estamos cheias de serviço... Mas francamente! A bobagem que essa toupeira cometeu naquela carta para a construtora Eastern Developments, um trabalho dos mais simples, e ainda por cima não sabe fazer nem um chá. Não deveria ser tão difícil encontrar uma datilógrafa com o mínimo de inteligência, e mais uma vez a tampa da lata de biscoitos não foi fechada como se deve. *Francamente...*”.

Como muitos dos arroubos de indignação silenciosa da srta. Griffith, essa frase ficou por concluir.

Nesse momento, a srta. Grosvenor apareceu para fazer o chá do sr. Fortescue. Ele tinha direito a um chá de outra variedade, servido em outro tipo de porcelana, e com biscoitos especiais. Apenas a chaleira e a água da torneira da copa eram as mesmas. Mas, no caso do chá do sr. Fortescue, a água ferveu. A srta. Grosvenor se certificou muito bem disso.

A srta. Grosvenor era uma loura absurdamente glamorosa. Estava usando um terninho preto impecável, e suas pernas bem torneadas estavam envolvidas pelas melhores e mais caras meias pretas de náilon disponíveis no mercado.

Ela passou pela sala das datilógrafas sem se dignar nem ao menos a olhar para alguém, muito menos cumprimentar. As datilógrafas eram insignificantes demais para ela. A srta. Grosvenor era a secretária pessoal do sr. Fortescue – havia boatos de que fosse algo mais, porém não era verdade. O sr. Fortescue havia acabado de se casar pela segunda vez, e com uma mulher tão elegante e glamorosa que pode absorver sozinha toda a atenção do marido. Para o sr. Fortescue, a srta. Grosvenor era só uma espécie de complemento necessário à luxuosa e caríssima decoração do escritório.

A srta. Grosvenor voltou segurando a bandeja diante de si como se fosse uma oferenda ritual. Passou dos bastidores do escritório para a sala de espera, onde os clientes mais importantes eram convidados a se sentar, e por sua própria antessala antes de enfim bater de leve na porta e entrar no espaço sagrado do sr. Fortescue.

Era uma sala espaçosa, com um piso reluzente de tacos adornado com tapetes orientais. As paredes eram revestidas de madeira de um tom claro e discreto, e entre as peças de mobília se destacavam poltronas

grandes de couro bege. Atrás de uma escrivaninha gigantesca, que dominava o centro do espaço, estava sentado o sr. Fortescue.

Tratava-se de um homem muito menos imponente do que deveria para fazer jus ao restante da sala, mas ele fazia o possível. Era um sujeito gorducho com uma careca proeminente, com uma mania de usar paletós largos em tom xadrez, típicos do ambiente rural, em seu escritório na capital. Ele examinava alguns papéis sobre a mesa com a testa franzida quando a srta. Grosvenor se aproximou com seus passos elegantes. Posicionando a bandeja junto ao cotovelo dele, ela murmurou com um tom de voz grave e impessoal antes de se retirar:

– Seu chá, sr. Fortescue.

O sr. Fortescue contribuiu com o ritual apenas com um breve resmungo.

A srta. Grosvenor se instalou novamente em sua própria mesa e voltou ao trabalho. Fez dois telefonemas, revisou algumas cartas datilografadas a serem assinadas pelo sr. Fortescue e atendeu a uma ligação.

– Lamento, mas no momento é impossível – ela falou com sua pronúncia impecável. – O senhor Fortescue está em uma reunião.

Ela pôs o fone de volta no gancho e olhou para o relógio. Eram onze e dez.

Foi quando um barulho nada habitual escapou da porta quase à prova de som da sala do sr. Fortescue. Apesar de abafado, era um ruído reconhecível, como um grito de dor estrangulado. Nesse mesmo instante, o interfone da mesa da srta. Grosvenor começou a tocar freneticamente. Depois de um instante de paralisia, a secretária se levantou. Confrontada com o inesperado, por muito pouco não perdeu a pose. Ainda assim, dirigiu-se até a porta do sr. Fortescue com seu andar calculado de sempre, bateu e entrou.

O que ela viu fez sua afetação desaparecer de vez. Seu chefe estava se contorcendo de dor atrás da escrivaninha em movimentos convulsionados e alarmantes.

– Minha nossa, sr. Fortescue, está passando mal? – perguntou a srta. Grosvenor, e logo se deu conta da futilidade do que estava dizendo. Não havia dúvida de que o sr. Fortescue tinha sido acometido por um mal-estar dos mais sérios. Mesmo quando ela chegou até ele, o corpo do homem continuou a se contorcer espasmodicamente.

– O chá... que diabos... você pôs no chá... chame ajuda... um médico, rápido...

A srta. Grosvenor saiu correndo da sala. Naquele momento, não era mais a secretária elegante e cheia de si – era apenas uma mulher assustada que não sabia o que fazer.

Ela entrou correndo na sala das datilógrafas, gritando:

– O sr. Fortescue está tendo um ataque... está morrendo... precisamos chamar um médico... ele está muito mal... deve estar morrendo.

As reações foram imediatas, e das mais variadas.

A srta. Bell, a mais jovem das datilógrafas, falou:

– Se for um ataque epiléptico, precisamos pôr uma rolha na boca dele. Alguém aqui tem uma rolha?

Ninguém tinha.

A srta. Somers sugeriu:

– Nessa idade, deve ser apoplexia.

A srta. Griffith decretou:

– Precisamos chamar um médico... *agora*.

Aquele era um grande desafio a sua habitual eficiência porque, em dezesseis anos de firma, ela nunca havia precisado chamar esse tipo de ajuda. Ela só conhecia seu próprio médico, mas ele vivia em Streatham Hill. Onde atendia o médico mais próximo?

Ninguém sabia. A srta. Bell apanhou uma lista telefônica e tentou achar algum médico na letra M. No entanto, aquela não era uma lista de serviços, e os médicos não eram identificados como tais. Alguém sugeriu ligar para um hospital, mas qual deles?

– Precisa ser o hospital certo – alertou a srta. Somers –, caso contrário eles não vêm. São as regras do Sistema de Saúde. Precisa ser um hospital da mesma área.

Alguém sugeriu discar 999, mas a srta. Griffith rejeitou a ideia, perguntando o que a polícia podia fazer naquele caso. Como cidadãs de um país com um serviço público de saúde gratuito e universal, e detentoras de um nível de inteligência bastante razoável, aquelas mulheres demonstravam uma ignorância incrível a respeito de como proceder naquela situação. A srta. Bell começou a procurar por ambulâncias na letra A.

A srta. Griffith comentou:

– E o médico dele? Não é possível que ele não tenha um médico particular.

Alguém foi correndo procurar a agenda telefônica do patrão. A srta. Griffith instruiu o contínuo a sair atrás de um médico – fosse como fosse, e *onde* quer que fosse. Na agenda do patrão, a srta. Griffith encontrou o nome de Sir Edwin Sandeman, que atendia na Harley Street. A srta. Grosvenor desabou na cadeira e começou a tagarelar com uma pronúncia bem menos aristocrática que de costume:

– Eu fiz o chá como sempre faço... tenho certeza... não é possível que eu tenha errado em alguma coisa.

– *Errado* em alguma coisa? – questionou a srta. Griffith, com o dedo no disco do telefone. – Por que está dizendo isso?

– Foi o que *ele* falou... o sr. Fortescue... ele disse que o chá...

Por um instante, a srta. Griffith hesitou entre ligar para o Hospital Welbeck ou para a polícia. A srta. Bell, jovem e otimista, falou:

– Precisamos dar a ele um pouco de água com mostarda... *agora*. Alguém aqui tem mostarda?

Ninguém tinha.

Pouco depois, o dr. Isaacs, de Bethnal Green, e Sir Edwin Sandeman se encontraram no elevador, ao mesmo tempo em que duas ambulâncias estacionavam diante do edifício. O telefonema e o contínuo tinham cumprido sua função.